



**INSTITUTO FEDERAL**

Brasília

Campus São Sebastião

Licenciatura em Letras - Língua Portuguesa

Pérola Reginaldo das Virgens

**De volta ao Sertão: aproximando jovens e adultos por meio da Literatura**

Brasília

2025

PÉROLA REGINALDO DAS VIRGENS

**De volta ao Sertão: aproximando jovens e adultos por meio da Literatura**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à disciplina de Trabalho de Conclusão de Curso, como requisito parcial para aprovação na disciplina.

Curso Superior de Licenciatura em Letras Língua Portuguesa. Orientadora: Prof<sup>ª</sup>. Ma. Priscila Cardoso Vieira.

Aprovado em: (dia) (mês) (ano)

BANCA EXAMINADORA

---

Prof<sup>ª</sup>. Ma. Priscila Cardoso Vieira – Orientadora

---

Prof<sup>ª</sup>. Luciane Cristina Eneas Lira – Arguidora

---

Prof. Sigridi Suzelei Alves – Arguidora

Virgens, Pérola Reginaldo das .

De volta ao Sertão: aproximando jovens e adultos por meio da Literatura / Pérola Reginaldo das Virgens ; orientação Priscila Cardoso Vieira. – São Sebastião, DF: 2025.  
28 f. : il. color. ; 30 cm.

Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Letras – Língua portuguesa) – Instituto Federal de Brasília, Campus São Sebastião, São Sebastião, DF, 2025.  
Orientador(a): Priscila Cardoso Vieira.

1. Educação de Jovens e Adultos. 2. Literatura Brasileira. 3. Evasão escolar . I. Vieira, Priscila Cardoso , orient. II. Instituto Federal de Brasília.  
III. Título.

Ficha catalográfica elaborada por sistema com dados fornecidos pelo(a) autor(a)  
SISTEMA DE BIBLIOTECAS DO INSTITUTO FEDERAL DE BRASÍLIA

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço primeiramente a Deus pela oportunidade de, por meio da educação, olhar o mundo de outro ponto de vista. Um pensador ainda desconhecido disse: “quando se nasce pobre, ser estudioso é o maior ato de rebeldia contra o sistema”, e viver isso diariamente e após ter realizado a escrita deste trabalho, devo a Deus a força e persistência. Bem como, a minha mãe, Perpetua, musa inspiradora dessa escrita, que sempre me deu suporte para que não parasse e através do seu exemplo, me mostrou que a Educação de Jovens e Adultos é uma modalidade de suma importância e merece ser melhor cuidada. Agradeço ao meu marido, Pedro, pelo apoio prestado neste último ano, sem ele, a escrita deste trabalho não seria possível. Agradeço também aos professores que acreditam no poder da educação e me ajudaram a construir esse olhar sensível para as minorias. E por fim, agradeço ao meu filho, Benjamin, que iniciou o curso comigo e mesmo em meio a tantas dificuldades, é por ele que estou aqui e por ele, irei permanecer até o fim, para que ele desfrute de uma vida e educação de qualidade.

*“O correr da vida embrulha tudo; a vida é assim: esquenta e esfria, aperta e daí afrouxa, sossega e depois desinquieta. O que ela quer da gente é coragem. Ser capaz de ficar alegre e mais alegre no meio da alegria, e ainda mais alegre no meio da tristeza..”*

*-Guimarães Rosa*

## **RESUMO**

Muitos são os casos de evasão escolar nas escolas brasileiras e, como professores pesquisadores, é importante buscar entender o porquê para buscar minimizar esses números. Este trabalho inicia apresentando o que foi presenciado ao decorrer da caminhada escolar e acadêmica: a forma como os alunos são tratados influencia a permanência em sala de aula, na educação regular e conseqüentemente na modalidade da EJA. Por meio da apresentação de dados e experiências, busca-se apresentar a necessidade de inserir no currículo escolar dos estudantes atividades que possam auxiliar em sua permanência, neste caso, com textos literários de temática popular que os aproximem de suas vivências. Ao final, será apresentada a proposta e os resultados desta por meio do conto “A boiada” de Guimarães Rosa, com a esperança de auxiliar e contribuir para a permanência de jovens e adultos nas escolas.

### **Palavras-chave:**

Educação de Jovens e Adultos; Literatura Brasileira; Guimarães Rosa; A boiada; evasão escolar.

### **ABSTRACT**

There are many cases of school dropout in Brazilian schools. As teacher-researchers, it is important to understand why, in order to minimize these numbers. This work begins by presenting what was witnessed throughout the school and academic journey: the way students are treated influences their permanence in the classroom, in regular education and consequently in the EJA (Youth and Adult Education) modality. Through the presentation of data and experiences, the aim is to demonstrate the need to include activities in the students' school curriculum that can help them remain in school, in this case, with literary texts of popular themes that connect them to their experiences. Finally, the proposal and its results will be presented through the short story "A boiada" by Guimarães Rosa, with the hope of assisting and contributing to the permanence of young people and adults in schools.

### **Keywords:**

Youth and Adult Education; Brazilian Literature; Guimarães Rosa; The Cattle Drive; school dropout.

## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	p. 7
1. A FASE DA EVASÃO ESCOLAR.....	p. 10
2.LEVANDO A LITERATURA PARA A EJA .....	p.14
3. OS RESUMOS DO SERTÃO.....	p. 16
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	p. 25
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....	p. 27

## INTRODUÇÃO

No que tange a Educação de Jovens e Adultos, para ingressar nessa modalidade, é necessário possuir uma idade mínima e, segundo a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB-9.934/1996): “Os exames a que se refere este artigo realizar-se-ão: o nível de conclusão do ensino fundamental, para os maiores de quinze anos; no nível de conclusão do ensino médio, para os maiores de dezoito anos”. Desse modo, a Educação de Jovens e Adultos é formada por pessoas que não concluíram seus estudos no ensino regular com idades mínimas. O período da vida em que se cursa o ensino escolar regular é marcado por várias questões, como a transição das fases de vida, novidades trazidas com ela, conflitos interiores, ausências, problemas familiares e financeiros. Tudo isso pode afetar a vida educacional e afastar os estudantes das escolas.

Alinhada a essas dificuldades, segundo o Relatório de Avaliação do SAEB (2022), a educação brasileira tem buscado seguir em conjunto os conceitos de avaliação somativa e formativa. Ao vivenciar a rotina de sala de aula, percebe-se em maior efetividade o caráter somativo, em que o fator mais considerado é o resultado, sem necessariamente ser levado em consideração o processo. As consequências disso são a perda de interesse pela escola e pelos conteúdos, a infrequência, a inibição, e por fim, a evasão escolar.

Durante a primeira fase da vida escolar, o processo formativo tem mais importância, ao se considerar a relação professor-aluno e não necessariamente a existência do somatório de pontos, o que possibilita um interesse dos estudantes, porém, ao se aproximar do ensino fundamental e com a chegada da utilização dos boletins, o medo se instaura e o processo de aprendizagem que outrora era leve, paciente e repetido quantas vezes fossem necessárias, passa a ser mais individual, apressado e imposto. Como cita Villas Boas (2008):

Observe-se que os alunos de 1ª a 4ª série costumam ter um professor que com eles trabalha durante todo o ano letivo. Essa interação longa cria laços afetivos que podem contribuir para a sua permanência na escola. Da 5ª série em diante, eles têm vários professores que, por sua vez, atendem a muitas turmas, não conseguindo manter o mesmo relacionamento existente nas séries... Como o professor pode interagir positivamente com seus alunos e, conseqüentemente orientar sua aprendizagem e conduzir a avaliação sem conhecê-los? **E não basta saber o nome, é preciso ir além: saber onde moram, como vivem, quais são seus interesses, suas**

**necessidades e expectativas e como tem sido sua trajetória escolar.** (grifos próprios VILLAS BOAS, 2008: 25)

Nesse ínterim, Paulo Freire nos apresenta a concepção bancária da educação, que é pautada no depósito de saberes: “Nela, o educador aparece como seu indiscutível agente, como seu real sujeito, cuja tarefa indeclinável é “encher” os educandos dos conteúdos de sua narração” (FREIRE, 1968: 79). Presente no processo somativo, essa educação bancária suga a criatividade e a comunicação tão admiradas no processo de alfabetização e, por consequência, a escola que antes era um local de divertimento se torna um local de sofrimento.

A adolescência é um período de descobertas, de inquietações, de novidades e de trocas, estas que vão de gostos a experiências. Neste momento, os estudantes estão se descobrindo novas pessoas, descobrindo novos gostos e, com isso, vêm muitos questionamentos, além de suas próprias visões de mundo, tanto anterior a essa fase, adquiridas desde a tenra idade, como as experienciadas recentemente, ou seja, negar a eles o direito de se expressarem, opinarem suas concepções é o que promove a apatia na sala de aula. Ainda na concepção bancária de Freire, essa posição de que o professor fala e o aluno apenas escuta “nega a educação e o conhecimento como processos de busca” (FREIRE, 1968: 81), fazendo com que os alunos não se sintam pertencentes àquele espaço.

Para ser possível cumprir a lista extensa de conteúdos que os professores recebem para executar em cada ano letivo alinhado a todos os compromissos e adversidades de uma escola, os docentes tendem a serem mais genéricos e objetivos nas aulas, como disse Gilberto Dimenstein:

Mas na escola, só me ensinavam, e aqui vou caricaturar, o *vovô viu a uva*. Eu não era medido pela sensibilidade que tinha com o conhecimento do mundo, era medido por *vovô viu a uva*. O *vovô viu a uva* não me ajudava a entender o que eu estava sentindo em relação ao mundo.  
(DIMENSTEIN, 2003:19)

Como mencionado pelo autor, a referência às cartilhas usadas por muitos anos como ferramenta de alfabetização foi feita de forma caricata, mas, quando analisamos o atual contexto escolar é o que ainda acontece: a forma monótona de transmitir o conteúdo faz com que a matéria, mesmo que interesse àquele estudante, não alcance os resultados esperados. Isso ocorre porque são, na maioria das vezes, desconectados da realidade, faz com que pareçam tão distantes, que o que está no presente e pode ser palpável, seja positiva ou negativamente, como problemas familiares, financeiros,

interesses amorosos, etc. sejam mais interessantes e/ou urgentes, havendo assim a perda da atenção do aluno.

O contexto mencionado acima, muitas vezes, culmina para a evasão escolar desses adolescentes, que, alguns anos depois, levam-nos até a Educação de Jovens e Adultos, período em que já estão mais maduros e com mais responsabilidades. Porém, com a mesma forma de aprendizagem e a apatia que já existia, o fator que os mantém na escola é o certificado de conclusão do ensino médio, motivado majoritariamente somente para o mercado de trabalho.

Nesse contexto, este trabalho pretende mostrar como a Literatura Brasileira, por meio de textos literários clássicos, capazes de fazer sentido em diferentes tempos e espaços, contextualizados e adequados especialmente para o público da EJA, pode ser um instrumento de combate à evasão escolar. Alinhada a momentos de inclusão, sob o viés da leitura de mundo de Paulo Freire (1981), em momentos de trocas entre professores e alunos, propiciando que a sala de aula seja um espaço agradável, seguro e de progressão contínua.

## 1. A FASE DA EVASÃO ESCOLAR

Segundo a TV Brasil, o IBGE informou em 2023 que cerca de 9,1 milhões de jovens entre 15 e 29 anos abandonaram a escola sem concluir os estudos. Dentre as causas, está a repetência, que afeta a autoestima dos alunos. (TV BRASIL, 2025, 1min30s). Com base nessa informação, justifica-se esse trabalho como uma tentativa de adequação ao processo de ensino e aprendizagem.

Entende-se que as demais causas de evasão escolar estão ligadas a fatores socioeconômicos, que são temáticas mais densas e demandam atenção, não somente da escola, mas da sociedade como um todo, além de incubidas ao Poder Público. No entanto, acredita-se que contribuir pedagogicamente é uma iniciativa necessária, podendo ela ser utilizada por demais professores e, assim, ampliar a prática transformadora, orientada por Paulo Freire (1997: 67): “Se a educação sozinha não transforma a sociedade, sem ela tampouco a sociedade muda.”

Rubem Alves, em conversa com Gilberto Dimenstein, documentada no livro “Fomos maus alunos”, exemplifica situações em que a escola muitas vezes centrada na avaliação somativa reproduz comportamentos que despertavam desinteresse nos alunos:

É um processo perverso. Todo mundo diz que você não vale nada: e como você não tem referenciais em que suas habilidades apareçam, acha que não vale nada mesmo [...] Tanta criatividade e se condena o indivíduo falando assim: *Bem, você não vale nada*. E não há com quem dialogar quando seus pais dizem: *A escola tem um critério certo. A escola é a instituição mais importante que há na sua vida*. O professor é uma referência; seus amigos são elogiados, mas você... Você não tem nem repertório intelectual nem emocional para dizer que aquilo tudo está errado. É por isso que, na minha vida de educador, eu tive de matar essa escola, matar esse menino massacrado. [...] Não tinha amigos, não me interessava pelas disciplinas, tinha raiva dos professores... Os professores não tinham o menor interesse nas coisas da gente... Naquele tempo, o professor entrava na sala e começava a andar de um lado para o outro, ditando a matéria. [...] O ensino de história, de filosofia, de sociologia, de literatura, passou a ter significado: **o que eu aprendo tem significado**. Foi aí, Rubem, que descobri, com muita clareza, **que só existe um motor do aprendizado: paixão e curiosidade**. E muito do que a escola faz é matar a ideia da paixão pela curiosidade. (grifos próprios). (ALVES, DIMENSTEIN, 2003: 21-31)

Gilberto Dimenstein explica como o seu interesse por aprender mudou quando ele pôde aprender o que lhe interessava, ao entrar no jornalismo. Os grifos em sua

última fala sintetizam o objetivo do presente trabalho: apresentar aos jovens e adultos que os aprendizados adquiridos dentro de sala de aula possuem significado, serão úteis e usados por eles em seu cotidiano, despertando assim a curiosidade e a paixão, motores do aprendizado, além de possibilitar uma aprendizagem significativa por meio da Literatura Brasileira.

A partir dos minutos 16:00 da reportagem da TV Brasil, José Arimateia (2025) apresenta a realidade da família nordestina, em que os filhos já nascem para trabalhar e o incentivo é maior para o trabalho do que para os estudos. Entende-se que a realidade no nordeste, segundo o IBGE (2022), “é um reflexo da dívida educacional brasileira, cuja tônica foi o atraso no investimento em educação”, situação em que não se vislumbram melhorias de vida por meio da escolarização nesta região, sendo as metrópoles do Brasil destinos certos para quem deseja alguma perspectiva de vida melhor.

Atrelado a esse pensamento e ao entender que, algumas vezes, o espaço escolar não inclui as vivências dos estudantes candangos, este trabalho busca oportunizar aos estudantes da Educação de Jovens e Adultos, pertencentes a esse cenário, crescidos fisicamente ou por histórias no Sertão do Brasil, a chance de se sentirem pertencentes ao espaço escolar, às aulas de Literatura e de Língua Portuguesa. Espera-se, assim, apresentar aos estudantes a possibilidade de se expressar, falar com propriedade de assuntos que são do seu conhecimento, realizando assim a educação transformadora e inclusiva que orienta Paulo Freire (1996):

Como educador preciso de ir "lendo" cada vez melhor a leitura do mundo que os grupos populares com quem trabalho fazem de seu contexto imediato e do maior de que o seu é parte. O que quero dizer é o seguinte: não posso de maneira alguma, nas minhas relações político pedagógicas com os grupos populares, desconsiderar seu saber de experiência feito. Sua explicação do mundo de que faz parte a compreensão de sua própria presença no mundo. E isso tudo vem explicitado ou sugerido ou escondido no que chamo "leitura do mundo" que precede sempre a "leitura da palavra". (FREIRE, 1996: 42)

Acredita-se que essa atitude pode contribuir de forma positiva para o combate à xenofobia, que segundo Dados do Observatório Nacional dos Direitos Humanos (ObservaDH), entre 2021 e 2022, as denúncias cresceram 874%. No ambiente escolar, casos de xenofobia acontecem com frequência, porém muitas vezes não são denunciados, são “levados na esportiva”, o que não perde seu caráter prejudicial. Para

tanto, vê-se como alternativa para o combate, o conhecimento. Pois o preconceito surge de um pré-conceito, ou seja, do que se pensa, muitas vezes carregado de estereótipos de alguma coisa.

Um autor que ficou marcado por levar conhecimento de sua região para o mundo foi João Guimarães Rosa, pelas palavras de Silva (2016: 44): “JGR está vivo no sertão, ele dá vida a ações de novos atores que lutam pela valorização da cultura sertaneja, ele está vivo em cada organismo que se dispõe a trabalhar pelo sertão e a elevá-lo”. O fato de existir o Sertão mineiro e Sertão nordestino está na colonização, como relata brevemente o glossário de História Luso-Brasileira sobre o significado de sertão : “A produção açucareira interiorizou os engenhos no Nordeste, a mineração promoveu a penetração desde as Minas Gerais até Goiás, os bandeirantes [bandeiras] também foram responsáveis pelo avanço mais ao Sul.” Afirmação que se consolida também em Goiás, sendo ela a capital do Sertanejo no Brasil, podendo afirmar que, para além dos candangos, este trabalho inclui também o público alvo do Centro-Oeste. Portanto, o Sertão de Guimarães é mineiro, que faz divisa com a Bahia, logo, fazendo a devida separação de suas especificidades, o Sertão se torna um só, com pessoas que vivenciaram e vivenciam situações semelhantes.

Figura 1: Mapa do Brasil



Brasil Escola, 2019, Disponível em <https://www.infoescola.com/geografia/mapa-do-brasil/> Acesso em 28 de novembro de 2025.

Neste contexto, acredita-se que, o processo de colonização ocorreu em regiões ainda não denominadas como conhecemos nos dias de hoje, aqui analisados como: nordeste, centro-oeste e sudeste. Porém, ao analisar o mapa acima, a proximidade da cidade de Minas Gerais com o Nordeste, que faz divisa com a Bahia, possivelmente se justifica pela existência do Sertão mineiro e Sertão nordestino, por serem cidades vizinhas possuem contextos que se assemelham. Assim sendo, propor aulas em que a cultura sertaneja seja estudada tende a promover o sentimento de pertencimento, a permanência e o conhecimento da cultura, combatendo preconceitos, tal qual a xenofobia, e possibilitará incluir os estudantes candangos, advindos do Sertão, que, por diversas razões, mas também por razões financeiras, como relatou o José Anchieta, precisaram parar seus estudos, como também os estudantes descendentes do Sertão, que mesmo nascidos em outras regiões, o carregam dentro de si, além de perpetuar o legado de Rosa, que nos ensinou a importante lição: “O Sertão é dentro da gente.” (ROSA, 2006: 325). Inclusive, acredita-se ser uma importante forma de realizar atividades multidisciplinares, como por exemplo, com o uso do mapa, buscar entender mais a fundo o processo de criação dos sertões, a sua cultura mais aprofundada, estigmas, etc. A Literatura abre portas para diversos mundos de conhecimentos.

## 2. LEVANDO LITERATURA PARA A EJA

Para experimentação dos argumentos expostos, buscou-se a criação e execução de uma aula dialógica, isto é, mais pautada na interação dos estudantes, para que por meio dela, promovesse o sentimento de pertencimento já no momento da escolha do formato da aula. Realizada sincronicamente às aulas de Estágio Supervisionado, a aula foi embasada no pensamento da professora Silva (2016) : “Eu, professora, cônica do dever de democratizar a leitura e de desencadear alguma transformação em ambiente de ensino, desenvolvi um projeto de leitura aplicada neste contexto aos contos de JGR”. Este projeto foi inspirador para a criação da aula, ao se considerar o fato do gênero conto ser uma opção mais breve, é uma ótima escolha para a modalidade da EJA, pois, devido o contexto de vida de muitos estudantes, às vezes não é possível manter uma assiduidade tão linear, o que pôde ser observado nos momentos de aula para a realização do Estágio Supervisionado. A execução foi realizada no Instituto Federal de Brasília, no campus de São Sebastião, cidade periférica do Distrito Federal, em uma turma do Programa Nacional de Integração da Educação Profissional com a Educação Básica na Modalidade de Educação de Jovens e Adultos, o Proeja, sendo o segundo ano do Ensino Médio integrado ao curso técnico de Secretariado, para 6 estudantes adultas frequentes: 4 nordestinas e 2 brasilienses, filhas de nordestinos. A seguinte fala da professora vincula-se ao fator somativo de escolher Guimarães como objeto de experimentação:

Mesmo que os textos sejam considerados “difíceis”, a metodologia de leitura dos textos de JGR torna-os acessíveis; os leitores se identificam, em alguns aspectos, com a linguagem explorada, cujos jogos linguísticos revelam as brincadeiras sérias do autor para obscurecer o que é claro, ou clarear o que é obscuro, enfeitando, por meio das palavras, o mundo real e imaginário. (SILVA, 2016: 104)

O que para o público nordestino é muito significativo, pois o mundo real e o imaginário são temáticas muito presentes por meio das lendas e histórias contadas, bem ressaltado por Rosa em entrevista a Lorenz (1991: 69) “Os homens do sertão são fabulistas por natureza. No sertão, o que se pode uma pessoa fazer do seu tempo livre a não ser contar histórias?” e positivamente por Candido (2004: 174), não há homem que possa viver sem a possibilidade de entrar em contato com alguma espécie de fabulação.” Ao comparar a rotina diária árdua de trabalho com pouca remuneração, é possível notar que isso limita os direitos mais básicos, como alimentação e moradia; alguns se alimentam, muitas vezes, com o que produzem, por meio da agronomia e

pecuária, ou vivem do trabalho doméstico, para manutenção do funcionamento da casa e da família. Os direitos ditos como dispensáveis, como educação e lazer, tornam-se luxo em relação às demais necessidades, restando então somente a contação de “causos”<sup>1</sup>, ao final do dia, sendo muitas vezes, o único momento de descontração.

Para tanto, a aula realizada tem como conto central “Boiada”, que retrata um episódio de alguns sertanejos tocando gado<sup>2</sup>, presente em Rosa (1997) e em Silva (2016), por retratar um episódio corriqueiro, mas com muito significado. No primeiro momento, o diálogo se inicia com um momento de aproximação da professora com a turma, para conhecimento de onde cada aluno e aluna advêm, seguido da leitura do conto, com uma conversa sobre ele e o que ele representa. Desse modo, como Bordini e Aguiar (1993) relatam:

A atitude receptiva se inicia com a aproximação entre texto e leitor, em que toda a historicidade de ambos vem à tona. As possibilidades de diálogo com a obra dependem, então, do grau de identificação ou de distanciamento do leitor em relação a ela, no que tange às convenções sociais e culturais a que está vinculado e à consciência que delas possui. (BORDINI e AGUIAR, 1993:84)

O momento de encontro das estudantes com o conto foi marcado pela identificação, devido o conhecimento cultural e social da função de tocar o gado, na leitura, por meio dos marcadores textuais e sonoros usados por Guimarães desperta os sentimentos e memórias vividos e por meio da historicidade que o conto e as vivências delas carregam, percebe-se que o texto foi bem recebido, permitindo assim a criação dos relatos expostos logo adiante.

---

<sup>1</sup> Contação de histórias populares.

<sup>2</sup> Guiar e movimentar o gado, especialmente por tropeiros e vaqueiros, utilizando-se do berrante para sinalizar e controlar a boiada

### **3. OS RELATOS DO SERTÃO**

Durante a execução da aula, das 6 alunas presentes, as cidades citadas estão: Bahia, Ceará, Maranhão, Paraíba, Piauí e Pernambuco. Algumas nascidas em uma cidade e crescidas em outras, entre as duas estudantes brasilienses, uma cresceu na região nordeste e a outra cresceu em Brasília, mas ouvindo as histórias do Sertão. Após o momento de leitura do conto, foi solicitada a escrita de um relato resumido sobre suas vidas no sertão, contando como foi, se gostariam de retornar e que contassem como foi a sua experiência com a aula, para que o relato fosse usado neste trabalho. A seguir, preservada a identidade das estudantes, está os relatos escritos por elas contando suas experiências, despertadas por meio da leitura do conto de Guimarães Rosa:

D	S	T	Q	Q	S	S
D	L	M	M	J	V	S

## O que vivi no sertão

Como foi?

Foi muito bom porque tinha todos ali perto avós primos tios tias a gente brincava no rio tinha muitas brincadeiras de pega pega e eu no polo e aia assim como se eu nos outros no tempo dos frutos como manga goiaba pitoba e outros foi uma infância maravilhosa porém eu não gostaria de voltar pra lá meus avós se mudaram a maioria dos primos foram embora muitos dos meus tios e tias se faleceram então pra mim o que ficou de melhor foi os lembranças e também gosto de morar em Brasília.

O que achei da aula a professora prola foi muito bem deu uma aula com história do sertão e explicou muito bem gostei parabéns.

## O que vivi no sertão?

18 / 11 / 2025

Fui criada na roça, sou de uma família nordestina, família grande de 11 irmãos. Meu pai Joaquim e minha mãe Severina nos criaram na roça. Lembro-me quando criança, meu pai nos levava para a roça para ajudar na plantação de arroz, e na colheita, na hora do almoço, chegava minha mãe trazendo na cabeça uma enorme panela de arroz com carne e abóbora, era a melhor comida. Nos momentos de diversão, pulávamos nas palhas de arroz e escoregávamos, éramos felizes.

Meu eterno pai contava a forma de como ele tinha perdido os dentes, correndo no lombo do cavalo pela opatinga, histórias vivenciadas por todos os filhos.

Até hoje saio da cidade nas minhas férias e vou para o interior da Bahia para lembrar desse tempo vivido.

## O que achou da aula?

Mãe-vilhosa!

Podor lembrar ou melhor lembrar da minha infância através dessa aula foi para mim muito especial, aula rica de relatos nordestino, lembranças dos meus pais, imaginar eles ali naquele relato, vivenciado por eles, por mim e meus irmãos é realmente especial. Trouxe as memórias que jamais serão esquecidas.

Parabéns, realmente me surpreendeu.

O que vivi no sertão.

Nasci no sertão da Paraíba e vivi várias experiências no decorrer dos meus 16 anos.

Eu gostava de brincar encima de péi manga, de café e amarela buscarumbu fresco, também ajudava minha Vô na roça limpando, costurando e plantando milho, feijão, mandioca etc... Eu via a alegria da dela.

Quando chovia e nós corriamos para aproveitar a terra molhada, que era um sinal e a esperança que, do trabalho feito via muitos frutos.

Minha família trabalhava no mator de açore tirando cingal, e essa atividade na roça era bem pesada.

No campo a vida não fácil, mas também tem muita coisa boa como, sua liberdade, estar perto das pessoas que você ama. Eu voltaria a morar lá de novo se minha vizinha fosse viva para te-la comigo novamente, essa é minha maior saudade do sertão.

Perola, é muito bom vê o quanto você está preparada para ser esta profissão tão linda e importante para a sociedade. Tenho certeza que será muito feliz e terá muito sucesso.

18/11/2025

minha vida no nordeste

... Cresci no litoral do Piauí, Parnaíba. Foi em Parnaíba e, uma terra quente, porém linda...

Em Parnaíba, foi onde cresci, morei por 19 anos. Em Parnaíba, vivi momentos muito bonito. Pena que por ser um lugar muito pequeno, não tinha um bom emprego para nos oferecer.

mas vivi momentos na minha infância muito importantes...

Laembro quando eu tinha meus 10 anos, minha mãe mandava eu ir comprar leite em uma valaria e eu morria de medo das vacas.

mas essa tarefa era uma das minhas obrigações...

Foram momentos maravilhosos que nunca vou esquecer...

Achei a sua aula bem dinâmica, bem criativa, onde me fez lembrar da minha infância no nordeste...

Obrigada, Pérola, por nos proporcionar uma aula cheia de aprendizagem.



Sou filha de nordestinos, mais nasci no D.F.

Ainda muito pequena fomos morar o Pernambuco com meus pais, ali convivi com alguns de meus primos, tios, avós.

Eu lembro que nos finais de tardes eu e outras crianças da vizinhança nos reuníamos na praça em frente de casa e ficávamos até a noite brincar de paca and, cair no peço, queimado, pique esconde, amarelinha sempre tinham alguma brincadeira para nos divertir e depois e nos finais de semana quando não estávamos na rua estava em casa com a família reunido na sala assistindo TV.

Aos 8 anos de idade eu e minha mãe tivemos que retornar para Brasília pois minha mãe teve que cuidar da saúde e aqui era onde tinha melhor recurso de tratamento médico por

O caso dela.

Desde então não retornei mais para lá.

Desde então meus pais se separaram e passei a conviver somente com a minha mãe.

Sinto saudades daquele tempo mas não tenho vontade de retornar para morar, se algum dia eu ir só sempre a passeio.

A respeito da Paula eu gostei muito.

O que eu vivi no sertão?

Não, não vivi no sertão, mas eu fui criada em Brasília, mais cresci escutando muitas histórias, as vezes de saudades, de tristezas e feliz. Entre uma história e outra me pego imaginando vivendo no sertão.

Quando cheguei em São Sebastião ainda menina, lembro que quando ia para a escola com meus irmãos, chegávamos quase sempre atrasados, pois tínhamos que esperar aqueles tantos de boi passar, como eu tinha medo.

Aniversário da cidade, sempre tinha desfile com cavalgadas, as festas juninas, do meio do ano. Essas e um pouco da comparação que mesmo sem ter vivido no sertão, tento me imaginar.

"Povo sofrido"...

"Povo feliz"...

"Parabéns, por sua aula, foi muito rica e dinâmica. Continue assim."

Por meio dos depoimentos, percebe-se o poder da Literatura, afinal, o conto “Boiada” de Guimarães Rosa, despertou nas estudantes uma lembrança sobre suas memórias da infância e juventude. A aula foi participativa e, durante as leituras, comentários foram feitos de momentos vividos, houve uma interação inicial sobre suas origens, em que elas contaram um pouco de sua história sem que fosse solicitado. Entende-se, portanto, que abordar a Literatura do Sertão para estudantes da Educação de Jovens e Adultos, como nessa turma, formada por pessoas conhecedoras do Sertão, propiciou uma aula interativa, dinâmica e literária, objetivo da escrita deste trabalho. O trecho a seguir pode sintetizar e exemplificar a proposta que foi atendida:

Poder lembrar ou melhor relembrar da minha infância através dessa aula foi para mim muito especial, aula rica de relatos nordestino, lembranças dos meus pais, imaginar eles ali naquele relato, vivenciado por eles, por mim e por meus irmãos é realmente especial. Trouxe memórias que jamais serão esquecidas. (Relato de estudante, 2025: 18)

Com isso, entende-se que a Literatura de Guimarães Rosa, sendo ela de obras canônicas, pode ser usada no contexto de jovens e adultos, como ressalta Silva (2016):

É possível ler, no Ensino Fundamental e Médio e na Educação de Jovens e Adultos (EJA), autores considerados difíceis e herméticos, tal qual JGR. É possível (re) criar-se a partir da leitura; é possível na perspectiva da teoria do efeito estético, tornar leitores (co) autores de textos literários. É possível fazer muito do que se diz impossível quando se trata de leitura da literatura em sala de aula. (SILVA, 2016: 114)

Como relatado por Dimenstein e por Alves (2003) sobre as cartilhas de alfabetização e que pode ser reiterado por Freire (1967), em que algumas atividades para a Educação de Jovens e Adultos tendem a serem infantilizadas e assim não formulam uma consciência crítica do estudante, este trabalho busca levar os conteúdos canônicos aos estudantes, por entender que são de fato jovens e adultos que buscam seu lugar no mundo, com a idade e consciência crítica que já possuem e deve ser aprofundada e não posta como “complexo demais” e precise ser reduzida, ensinando apenas o básico. Deve ser adaptada para o contexto e assim promovendo uma educação qualitativa e aprendizagem significativa.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por meio dos documentos acima, é possível perceber que a experiência de se levar esse assunto para a sala de aula trouxe momentos de pertencimento, afinal as estudantes fizeram relatos sobre um tema que elas vivenciaram, sendo, portanto, donas de sua própria história por meio da Literatura. Foi após a leitura do conto que os relatos foram escritos, após a vinculação da Literatura rosiana e do gênero textual relato. Com isso, foi possível propiciando uma articulação entre teoria e prática, com um conteúdo real, vivo e vivenciado, atitude que acredita-se firmemente que pode contribuir com a diminuição da evasão escolar de estudantes da Educação de Jovens e Adultos, por meio de momentos de integração da escola e a realidade vivida pelos estudantes.

De acordo com a teoria apresentada durante a aula expositiva e de prática de escrita:

Ao escrevermos literariamente, relemos a palavra, relemos o mundo, e lhe conferimos novos sentidos mediante a sempre séria brincadeira verbal.” Nas palavras de Petit (2009: 228), “escrever é esclarecer.”, esclarece-se o mundo compreendido por meio da leitura. Escrever é revelar-se para o outro na sua mais íntima relação interpretativa. (SILVA, 2016:32)

Ou seja, por meio dos seus relatos, as estudantes vivenciaram a força da escrita, inspiradas pela Literatura, que alcança lugares íntimos profundos. Defende-se, portanto, que a Literatura pode aproximar estudantes da Educação de Jovens e Adultos do ambiente escolar, além de levar até eles a literatura clássica, por meio de Guimarães Rosa e tantos outros, tornando a Literatura e a Língua Portuguesa acessíveis para todos. Ao se entender que: "Literatura não se ensina, aprende-se com ela. Mas à medida que se aprende, é possível passar para outros um pouco daquilo que o prazer da leitura deixou em nós."( MARTINS, 2008: 19), idealiza-se que essa iniciativa possa abrir caminhos para outros temas que possam ser estudados e aprofundados tanto na modalidade da EJA, como no ensino regular, para a permanência de todos na escola. Realizado para uma turma de estudantes adultos, o resultado foi positivo, porém, esse tema poderia não ser tão proveitoso em um contexto de jovens brasileiros, por exemplo, o que caberia uma adaptação. Com isso, acredita-se na existência de uma lacuna, presente em um contexto privilegiado de aceitação, mas entende-se a necessidade de adaptações para outras turmas, sendo fundamental a continuidade de

estudos sobre uma educação transformadora, para sempre adaptar e permanecer, nunca o contrário. A língua e a literatura são vivas e, sendo assim, estão em constante mudança e adaptação, sempre visando um futuro melhor para a educação e para a sociedade.

## Referências

ALVES, Rubem, DIMENSTEIN, Gilberto. Fomos maus alunos. Campinas, SP: Papyrus, 2003.

BORDINI, Maria da Glória. AGUIAR, Vera Teixeira de. Literatura: a formação do leitor: alternativas metodológicas. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1993.

CANDIDO, Antonio. “O direito à literatura” in: Vários escritos. Rio de Janeiro: Ouro sobre o azul, 2004.

CONSELHO DE MONITORAMENTO E AVALIAÇÃO DE POLÍTICAS PÚBLICAS. Exames e Avaliação da Educação Básica. 2022. Disponível em: [https://www.gov.br/planejamento/pt-br/aceso-a-informacao/participacao-social/conselhos-e-orgaos-colegiados/cmap/politicas/2022/avaliacoes-conduzidas-pelo-cmag/exames-educ-basica\\_relatorio-de-avaliacao.pdf](https://www.gov.br/planejamento/pt-br/aceso-a-informacao/participacao-social/conselhos-e-orgaos-colegiados/cmap/politicas/2022/avaliacoes-conduzidas-pelo-cmag/exames-educ-basica_relatorio-de-avaliacao.pdf)

FREIRE, Paulo. A importância do ato de ler. São Paulo: Cortez, 1981.

FREIRE, Paulo. Educação como prática da liberdade. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1967.

FREIRE, Paulo. Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa / Paulo Freire. – São Paulo: Paz e Terra, 1996. – (Coleção Leitura)

FREIRE, Paulo. Pedagogia da indignação: cartas pedagógicas e outros escritos. São Paulo: Unesp, 2000.

FREIRE, Paulo. Pedagogia do Oprimido. 85. Ed. – Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2023.

GOV. BR. Glossário de História Luso-Brasileira: Sertão. Disponível em: <http://www.historiacolonial.arquivonacional.gov.br/glossario/index.php/verbetes/35-verbetes-iniciados-em-s/448-sertao>. Acesso em 28 de novembro de 2025.

GOV.BR. Xenofobia: o ódio que divide o tecido social e incita violações de direitos contra povos e culturas. 2024. Disponível em <https://www.gov.br/mdh/pt-br/assuntos/noticias/2024/agosto/xenofobia-o-odio-que-divide-o-tecido-social-e-incita-violacoes-de-direitos-contr-povos-e-culturas>. Acesso em 28 de novembro de 2025.

MARTINS, Aracy. VERSIANI, Zélia. “Leituras literárias: discursos transitivos”. in: PAIVA, Aparecida et all. Leituras Literárias: discursos transitivos. Coleção Literatura e Educação. Belo Horizonte: Autêntica/Ceale/FaE/UFMG, 2008. p. 09-28.

LORENZ, Günter. “Diálogo com Guimarães Rosa” in: COUTINHO, Afrânio. COUTINHO Eduardo F. (Org.) Guimarães Rosa. Coleção Fortuna Crítica. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira. 1991

PETIT, Michèle. A arte de ler ou como resistir à adversidade. Tradução de Arthur Bueno e Camila Boldrini. São Paulo: Ed. 34, 2009.

PERISSÉ, Gabriel. Literatura e educação. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

ROSA, João Guimarães. Grande Sertão: Veredas. 1. ed. de bolso. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2006.

ROSA, João Guimarães. Magma. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1997. p. 57.

SILVA, Rosa Amélia Pereira da. Travessias Literárias em Perspectiva Interacionista: teoria e prática. Arinos: [s.n.], 2016

TENENTE, Luiza, Taxa de analfabetismo no Nordeste é o dobro da média do Brasil; na região, 14% não sabem ler e escrever uma carta simples. Globo G1, 2024. Disponível em: <https://g1.globo.com/educacao/noticia/2024/05/17/taxa-de-analfabetismo-no-nordeste-e-o-dobro-da-media-do-brasil-na-regiao-14percent-nao-sabem-ler-e-escrever-uma-carta-simples.ghtml>. Acesso em 10 de novembro de 2025.

VILLAS BOAS, Benigna Maria de Freitas. Virando a escola do avesso por meio da avaliação. Campinas- SP: Papyrus, 2008.

TV BRASIL, Caminhos da Reportagem-Evasão escolar: sonho interrompido; Youtube, 01 de abril de 2025. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=sRScuTrK9Yg&list=WL&index=16>. Acesso em 20 de outubro de 2025.